

I CONCURSO DE CONTOS DE MESÁRIOS DO TRE-RJ

*Quinze histórias sobre as Eleições 2014
contadas por quem viveu tudo de perto*



Tribunal Regional Eleitoral
do Rio de Janeiro



mesário
voluntário

I Concurso de Contos de Mesários do TRE-RJ: 15 histórias sobre as eleições 2014 contadas por quem viveu tudo de perto. – Rio de Janeiro : Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro, 2015.

22 p.

1. Contos – Eleições 2014 I. Romeiro, Moacir de Souza. II. Oliveira Junior, Jorge Muniz de. III. Vidal, Elen Maria. IV. Tribunal Regional Eleitoral (RJ)

CDU 82-34

Projeto gráfico: ASCOM TRE-RJ

Comissão organizadora do concurso

Fernanda Guimarães Lauria
Márcio de Oliveira Lacerda
Renata Motta Geronimi
Rosane Sampaio Lemos da Silva

Comissão julgadora do concurso

Ana Lúcia Coelho Miranda Alé
Bruno Cezar Andrade de Souza
Claudia Regina Albuquerque Carneiro
Elizabeth Dusi Acacio
Érica Pacheco Marins
Fernanda Guimarães Lauria
Helena Maria Barbosa da Silva
Jose de Tarcio Fonseca Teixeira
Kátia da Silva Garcia
Luciana Souza Batista
Maria Tereza Oliveira dos Santos Mussoi
Renata Motta Geronimi
Rosane Sampaio Lemos da Silva
Silse Moraes Mariano

Sumário

	Pág.
Introdução	6
Apresentação	7
Esposa enganada na Seção de Votação por Moacir de Souza Romeiro	8
Um Eleitor Convicto do Poder de Seu Voto por Elen Maria Vidal	9
Memórias... Jorge Muniz de Oliveira Junior	10
Um Dia de Domingo por Silvio Cesar Santos	11
Sem título por Gabriel Ericson Lima Costa	12
Domingo diferente por Letícia Rodrigues Ricardo	13
Sem título. por Mirian dos Santos da Conceição Maia	14

O ato de votar como expressão máxima de cidadania, respeito e integração por Fernanda Christina Moura dos Santos	15
Privilégio democrático por Carlos Araujo	16
Quero Assinar! por Cleber Franca Almico	17
Spielberg, se eu fosse você, refilmava o E.T. por Fernanda Cupolillo Miana de Faria	18
Outubro por Arlene Vieira Trindade	19
Os olhares de uma eleição. por Marcio Simão de Vasconcellos	20
Eleição de uma nova perspectiva através do voto por Juliana Behrends de Souza	21
Nova eleição, novos momentos por Simone Cristina Carneiro Cunha	22

Introdução

O I Concurso de Contos de Mesários é uma iniciativa da Corregedoria Regional Eleitoral (CRE) em parceria com o Projeto Mesário Voluntário 2014, do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE-RJ). Seu objetivo é divulgar o trabalho de mesários e supervisores dos locais de votação, além de incentivar a participação dos cidadãos nas eleições. Todos aqueles que exerceram essas funções nas Eleições 2014 tiveram a oportunidade de participar do concurso, escrevendo um conto de até 50 linhas, relacionado à atividade exercida nesse pleito. Os 15 melhores contos, avaliados por uma comissão julgadora formada por 14 servidores públicos do TRE-RJ, estão publicados neste e-book. O concurso está previsto no Edital CRE nº 04/2014, publicado no Diário da Justiça Eletrônico (DJE) de 1º de agosto de 2014, alterado pelo Edital CRE nº 01/2015, publicado no DJE em 7 de abril de 2015.

Apresentação

Se você já trabalhou como mesário nas eleições, provavelmente vai se identificar com as histórias relatadas nos 15 contos deste e-book, escritos por cidadãos que atuaram no pleito de 2014 e obtiveram as notas mais altas no I Concurso de Contos de Mesários do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro. Casos inusitados que ocorreram ao longo do pleito, experiências sobre o treinamento dado pela Justiça Eleitoral e amizades que surgiram a partir do convívio entre mesários e eleitores são alguns dos assuntos escolhidos pelos participantes do concurso para escrever os contos.

Agora, se você nunca atuou como mesário, terá a oportunidade de perceber nestas páginas que contribuir para as eleições é uma experiência rica, que permite um contato direto com a maior festa da democracia (ou o processo democrático). Aliás, é cada vez maior o número de pessoas que se inscrevem para colaborar com a Justiça Eleitoral, por entender que se trata de um ato de cidadania. Nas Eleições 2014, 71.307 pessoas se voluntariaram, o que corresponde a 52,76% dos mesários no estado do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, iniciativas como o I Concurso de Contos de Mesários fazem parte do esforço da Justiça Eleitoral fluminense para captar ainda mais voluntários. Afinal, não há dúvidas de que toda a sociedade se beneficia quando a função de mesário é exercida por pessoas motivadas e comprometidas com o trabalho. O TRE-RJ está sempre aberto para receber interessados em fazer parte desse grande mutirão, sem o qual não conseguiríamos realizar as eleições. Por isso, se você quiser ser um deles, compareça ao seu cartório eleitoral ou acesse o site oficial do tribunal para se inscrever como voluntário. A democracia agradece!

Marco José Mattos Couto
corregedor regional eleitoral

***Esposa enganada na Seção de Votação
por Moacir de Souza Romeiro***

mesário da 160ª Zona Eleitoral – Olaria (Capital)

Aconteceu no primeiro turno. Após algum tempo na cabina de votação, uma senhora começou a reclamar: - A foto do candidato está diferente, não é essa pessoa da foto que quero votar!

Solicitamos que ela apertasse o botão laranja corrige e reiniciasse a digitação do número do candidato. Mas a mesma continuou reclamando que a foto não era do candidato dela. Então, perguntamos:

- A senhora está seguindo a ordem de votação (Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador, Governador e Presidente)?

- Sim.

- A senhora está digitando corretamente o número do candidato?

- Sim, estou com uma cola que trouxe de casa.

- Será que a senhora não anotou os números errado?

- Não, quem anotou os números para mim foi meu marido.

Naquele momento o marido que esperava na porta da seção tentou sair à francesa. Logo em seguida a esposa começou a questionar o marido se ele anotou os números que ela pediu. Para surpresa de todos os presentes, o marido tinha anotado os números dos candidatos da preferência dele.

O diálogo entre os dois entrou em um tom mais acalorado. Precisamos intervir! Explicamos que na seção tem a relação com o número de todos os candidatos e que ela poderia analisar a listagem e verificar os números dos candidatos de sua preferência. Mas ao ver o tamanho da lista, ela acabou desistindo.

Nunca saberemos o que ela fez, se anulou seus votos ou se votou nos candidatos do marido.

A única certeza que temos é que a senhora saiu da seção reclamando bastante com o marido e dando uns tapas nele. Provavelmente o marido não vai aparecer para votar no segundo turno!!!

Um Eleitor Convicto do Poder de Seu Voto
por Elen Maria Vidal

mesária da 55ª Zona Eleitoral – Maricá

Participar do processo que faz com que a vontade dos cidadãos brasileiros seja conhecida, é, a princípio uma obrigação. Tenho participado com muito respeito e cuidado, mas não sou exatamente uma eleitora muito confiante, confesso. Entretanto tenho recebido algumas lições importantes para minha vida pessoal como cidadã.

Vejo, desde que comecei a trabalhar nas eleições, senhorinhas que se enfeitam para votar, adolescentes entusiasmados com o primeiro voto e por isso, falantes e nervosos. Mas, um caso me chamou bastante atenção.

No primeiro turno, assim que cheguei para trabalhar, um policial fardado, eleitor na minha seção, me aponta para um cidadão à paisana e me pede para dar-lhe preferência, pois se tratava também de um policial e este estaria atrasado para seu plantão que era num lugar distante do RJ, pelo menos 60 km de distância. Não fiz objeção, pois ele não estaria causando dano algum aos outros eleitores, o mesmo estava pacientemente esperando como qualquer cidadão comum. Deu-se início a votação e atendi normalmente como solicitado e, este seguiu seu caminho.

Neste segundo turno, já pelas 16 horas aproximadamente, tive a oportunidade de auxiliar aquele mesmo policial apressado, só que desta vez ele estava vindo de seu plantão; parecia disposto e ansioso. Enquanto fazia a verificação de seus dados pessoais, foi contando que estava vindo do trabalho e que apesar de agora estar residindo em São Gonçalo, fez questão de vir a Maricá votar. Resumindo: ele saiu de um plantão policial, veio a Maricá e estava indo para São Gonçalo que está a aproximadamente 36 km de Maricá. Quase 100 km para votar!!!

Disse-me que votaria com convicção e que se, ao fim dos 4 anos de mandato de seu candidato, se eleito fosse, este o decepcionasse, ele ajudaria a eleger um outro.

Pude perceber que aquele policial conseguiu se manter intacto. Acredita no nosso sistema eleitoral de uma maneira que eu, que não tenho convívio com o lado mais desnudo do meu Estado, já me entreguei à descrença e à desconfiança nos nossos políticos. Ele conseguiu proteger sua esperança, sua confiança apesar das mazelas que sua profissão o expõe.

Creio que ao trabalhar nas eleições, dou muito de mim, mas também recebo muito do que venho perdendo por fraqueza ou desânimo.

Memórias...

por Jorge Muniz de Oliveira Junior

mesário da 70ª Zona Eleitoral – Paracambi

- Bom dia! Assim começa essa história. Como resposta, o primeiro eleitor responde com um sorriso maravilhoso e não poupa a satisfação de participar do evento mais democrático da nossa sociedade.

A fila segue, penso em vários rostos (alguns conhecidos, outros não), pergunto-me o porquê de tantas pessoas num espaço, por vezes, apertado; mas como qualquer coraçãozinho de mãe, capaz de abrigar a todos. Sei que muitos diriam que é devido à obrigatoriedade, mas enganam-se... É a sensação de dever cumprido...

- Boa tarde! Dispara um senhor de quase 90 anos. Feliz por poder participar das eleições 2014. Dizia ele e mais: - Só paro de votar quando não puder vir ou morrer... Mas tenho muito tempo ainda... Abre-se aquele sorriso contagiante e espontâneo. O suficiente para contagiar a todos ao lado. A vida tem disso. Você se pergunta tantas coisas quando precisa de respostas e responde a quase tudo quando precisa dessas perguntas. Ele tinha MUITO tempo. Tinha sim... Ele tinha o tempo que julgava necessário para viver, votar, contribuir e exercer o seu direito e dever... Sim... o voto é um direito adquirido e um dever a ser prestado. Enfim, aquele senhor acena e dou-me conta que já fora embora da seção 62... Lugar comum e incomum... Lugar de idas e vindas, mas lugar de verdadeiras escolhas e importantes considerações. Lugar de afirmar e refazer o conceito de cidadania...

Ouçó o barulho do fim de uma votação... É um jovem de 17 anos... Foi votar pela primeira vez.

Fazendo uma retrospectiva da chegada desse jovem: - Boa tarde! Cumprimento-o. Ele meio nervoso e trêmulo explica:- Estou votando pela primeira vez. Expliquei que era super fácil e que ele teria todo o suporte necessário. O presidente da seção o parabenizou e... pronto... ele conseguiu votar... ao menos a urna anunciara a isso...

Fiquei pensando... Como o tempo passa rápido... Também me lembro da minha primeira votação... Dizem que as primeiras vezes são inesquecíveis... Isso cria em nós, jovens, a sensação de CRESCER... Sim... só os grandes homens decidem... opinam... Fiquei imaginando, numa rápida reminiscência, quando ia com meu pai... Tempo esse que ele dizia para mim que em breve eu participaria das eleições... Cumpriu-se a profecia... Hoje não só participo com meu voto, como também contribuo para a realização desse evento...

O tempo passa... o evento termina... Assim parto para casa e carrego no peito a certeza de dever mais que cumprido... Realizado com prazer!!!!

Um Dia de Domingo
por Silvio Cesar Santos

mesário da 245ª Zona Eleitoral – Campo Grande (Capital)

A noite de sábado já vinha anunciar o lindo domingo de sol que estava por vir. No céu, apenas as estrelas contrastando com uma lua tão grande que não parecia um corpo celeste, mas sim um balão de gás gigante que se projetava por cima das casas.

Na manhã seguinte, acordei feliz como a maioria dos cariocas acordam em um dia que vai dar praia. Sem a ajuda do despertador, me coloquei de pé às seis da manhã, mas naquele domingo não iria à praia, iria trabalhar nas eleições e no cargo de PRESIDENTE... bonito, né? Estava um pouco nervoso por ser minha primeira vez, ainda mais no cargo de PRESIDENTE.

Bom, pra dizer a verdade, estava morrendo de medo do que poderia acontecer. Se algo desse errado? E se eu fosse responsável por algum erro no resultado das eleições?

Como efeito da insegurança, cheguei à seção às seis e quarenta e cinco, um pouco antes do combinado e uma hora e quinze minutos antes do início da eleição. No trajeto da minha casa até ao colégio onde trabalhei pude perceber algumas filas se formando nos portões dos locais de votação e algo chamou a minha atenção: as pessoas na fila eram em sua maioria idosas, ou seja, não precisavam ficar em filas, pois tinham preferência para votar antes. Esse pensamento logo se perdeu porque já estava próximo do meu local de trabalho e a ansiedade venceu a curiosidade.

Oito horas em ponto e a urna estava pronta para receber o primeiro eleitor. No início houve uma pequena correria por conta dos mais afoitos, mas depois tudo se normalizou.

No meio da manhã, para revezar com um dos mesários, fui para a porta organizar a entrada dos eleitores e, para a minha surpresa, aquele pensamento do início da manhã voltou com uma força inesperada. Pude perceber que na fila se encontrava um senhor com um semblante sereno que já contava com seus oitenta anos em uma cadeira de rodas e aquela situação me incomodou, porque alguns eleitores se indagavam o porquê de ele estar ali, já que o voto para ele é facultativo.

Não poderia permitir aquela covardia e fui como um raio resgatar o ancião do martírio de ficar em uma fila num dia quente como aquele. Falei para o eleitor aguardar na porta e me dirigi de peito estufado para cumprir minhas obrigações de cidadão e ...PRESIDENTE.

Para a minha surpresa, ao informar ao ilustre eleitor que tinha o direito de ficar na frente da fila por ser idoso e por ser cadeirante, ele me olhou com uma ternura de um avô que fala com o neto e me disse:

- Meu filho, eu não me incomodo. Eu tenho preferência, mas não tenho necessidade, por isso fico na fila porque seria errado usar minha condição para conseguir vantagens e também não ligo para essas pessoas que falam que eu não precisaria estar aqui. Estou aqui porque é meu dever ter responsabilidade com o que vai acontecer com o meu país nos próximos quatro anos.

Depois da lição de vida voltei para organizar a fila e esperar ansiosamente pela chegada do eleitor mais importante da minha seção e do cidadão mais consciente que já conheci.

Sem título

por Gabriel Ericson Lima Costa

mesário da 105ª Zona Eleitoral – Itaguaí

Eu estava resignado à mais um dia explicitamente comum e sem quaisquer variações que pudessem dar a ele uma cor mais forte e uma iluminação mais agradável. Não que odiasse aquelas horas na zona eleitoral ao lado de pessoas que eu nunca tinha visto antes e com quem o assunto se desenrolava, estranhamente, de uma forma muito natural. A verdade é que eu até me interessava por esse tipo de situação incomum: estar reunido ali, num espaço pequeno, com estranhos com quem deveria manter, por algumas horas, um convívio agradável e atendendo uma série de pessoas dos mais variados modelos, belezas, tamanhos e cortes de cabelo (sinceramente, acho que até o de Biaggi teria se inspirado com uns certos tipos que apareceram por lá... mas deixe isto pra outra hora).

O caso é que eu não esperava que a minha vida monótona pudesse ser atingida de uma forma tão drástica naquele dia. Mais especificamente naquela tarde. E para ser ainda mais preciso, às 14:33h, pois foi exatamente a esta hora da tarde – e eu me lembro porque tinha acabado de descer o olhar para o meu relógio – que entrou na zona um certo casal tão belo quanto atípico: um par de idosos, recurvados sob as próprias colunas que, de braços dados, entraram na sala com um ar de tranquilidade e satisfação tão sinceros quanto eu jamais, até então, havia observado nesta minha breve vida. Notei isto de cara. Na verdade, só pelo fato de os dois terem entrado sorridentes, de braços dados e em um papo que só eles conheciam e do qual só eles riam, isso já estagnou o meu olhar curioso em sua direção com a idéia de que alguma coisa muito especial havia na sala naquele momento.

A secretária, que ficava à porta, os atendeu com gentileza e, para o meu imenso prazer, enquanto os meus companheiros de mesa estavam ocupados, o casal seguiu na minha direção. Atendi-os enlevado. Eu estava absorto pela mera imagem dos dois. Não tenho dúvida de que meus olhos brilharam ao brilho daqueles olhos idosos e gentis quando a senhora me disse: “Boa tarde, meu filho”. Eu sorri. Me sentia estranho. Era um dia comum que agora havia sido irremediavelmente contaminado por um prazer antes totalmente desconhecido por mim. Eu a cumprimentei de volta e pedi que aguardasse uns instantes. Quando chegou a vez deles votarem, um a um foi à urna e, satisfeitos, realizaram seus votos (aos quais nem mesmo estavam obrigados por causa da idade, mas os quais realizavam com uma nítida satisfação). O senhor me agradeceu e a sua mulher se despediu de mim com um sorriso. Saíram da mesma forma como entraram: como se a vida do outro fosse para si a expressão máxima de qualquer desejo alcançável.

Passei o resto do dia imerso nos sentimentos que a imagem daquele casal me trouxe. Sobretudo duas coisas me encantaram profundamente: a primeira era o fato de pessoas tão idosas, provavelmente carregando doenças escondidas e nitidamente com dificuldades até para se locomoverem, pudessem exalar tamanho prazer em estarem vivas. Pensei em mim que, nas minhas divagações sobre tudo, me vejo na imensa dificuldade de ter prazer em qualquer coisa. A segunda foi aquele amor... Ah, aquele amor! Porque era amor! Aquilo que os unia por quê? Trinta? Quarenta? Cinquenta anos? Das que já vi na vida, essa sem dúvida foi a mais bela e a que mais exerceu sobre mim um efeito benéfico.

Fico agora aqui, lembrando de tudo isso... ainda sem um amor, ainda sem todo aquele prazer no meu rosto, mas, mesmo assim, na minha solidão e recorrente desgosto da vida, está enterrada fundo em mim a certeza de que todos os meus sonhos, toda a perspectiva que eu tenho para o meu próprio futuro, estavam declarados, de forma contundente e irrevogável naqueles rostos, como absolutamente possíveis.

Domingo diferente
por Letícia Rodrigues Ricardo

mesária da 166ª Zona Eleitoral – Botafogo (Capital)

“Esse domingo vai ser um domingo diferente”. É isso que eu me lembro de um comercial do TRE que passava para anunciar as eleições, e falar um pouco do trabalho dos mesários. Confesso que em mim nunca tinha surgido um desejo de desempenhar a função, e tinha poucos conhecimentos sobre o assunto. Porém em uma segunda feira recebi a carta, aliás há muito tempo que não recebia cartas, mas essa era diferente, uma carta convocatória do TRE para que trabalhasse nas eleições, um convite de um órgão judiciário, me senti importante.

Comentei com meu grupo de amigos, a maioria deles me desestimulou um pouco, pois foram frequentes os comentários: Nossa vai perder um domingo. O desânimo acabou, quando a presidente da mesa me ligou para confirmar a presença e falar que nessas eleições eu seria segunda mesária. Ela parecia ansiosa para as eleições, estava tão feliz.

No dia 5 de outubro, acordei cedo, me arrumei e fui para o local aonde trabalharia durante 10 horas. Sim, 10 horas, poucas pessoas sabem de todo processo que envolvem eleições, eu inclusive, não sabia. A presidente da mesa me explicou que ligaríamos a urna e imprimiríamos a zerézima, esse processo deve começar mais cedo que o início das eleições, e no término temos que imprimir quatro vias com as quantidades de votos e assiná-las, além de outras tarefas. Para todos que trabalham nesse processo, a eleição começa às 07:00 e termina por volta de 17:30, quando finalizamos as obrigações. Assim a eleição vai muito além dos votos. A minha função consistia em verificar os documentos, mas teve para mim maior significado, pude realizar o meu primeiro trabalho voluntário; conheci além da presidente da mesa, o primeiro mesário, ambos economistas. Uma coincidência incrível, posto que faço Economia na UFRJ e estou no segundo, poder trabalhar e conversar com eles foi uma experiência fantástica. Pude ter contato também com o secretário, que tinha a minha idade e faria vestibular para engenharia, mas eu acho que por influência dos integrantes da mesa terminaria cursando Economia.

Os eleitores foram sempre simpáticos e pacientes, reconheciam a importância da minha função. Sem as pessoas que acordam cedo para trabalhar no domingo, esse processo seria muito mais complicado. Me senti tão alegre por estar colaborando, que o tempo passou rápido, e quando eu vi já tinha acabado aquele dia de eleição. A noite foi divulgado o resultado, no meu estado teve segundo turno, e sabia que teria que trabalhar novamente, dessa vez, sem aquela sensação de dúvida se seria bom trabalhar nas eleições, pois tinha a convicção de que estaria feliz em ir para o local de votação, participando de forma mais efetiva desse processo que decide o futuro do meu país.

Porém, novamente, ser mesária superou as minhas expectativas. No segundo turno, ao conferir os documentos, comentei com uma senhora sobre um cantor que tinha o mesmo sobrenome dela, então me contou que ele era o seu filho e também votaria naquela sessão eleitoral. Assim, como os famosos também votam, pude conhecer um ídolo.

Portanto, só tenho a agradecer aquela carta que recebi, tive dois dias maravilhosos, conheci pessoas incríveis, pude saber mais sobre como se organizam as eleições e como esse processo é fragmentado, posto que depende de várias pessoas para que aconteça, foi um prazer ser parte desse todo. Aos meus amigos, que achavam que eu iria perder o domingo, digo com toda a certeza: ganhei um domingo. E nas próximas eleições, estarei lá novamente, desejando bom dia as pessoas com o sorriso no rosto e quem sabe da próxima vez sou eu eleita a presidente, da mesa, é claro.

Sem título.

por Mirian dos Santos da Conceição Maia

mesária da 159ª Zona Eleitoral - Nova Iguaçu

Não é raro vermos cidadãos decidirem participar como mesários na votação no intuito de receberem folgas compensatórias no seu trabalho. No final veem que o trabalho é mais do que isso. Acaba por se tornar uma ato cívico, de cidadania e de amor à Pátria.

Ao participar pela primeira vez como Presidente de Mesa, chamou-me atenção a demora que uma senhora que, por mais de 5 minutos, estava inquieta e ainda não havia votado. Perguntei se precisava de ajuda e ela, quase chorando disse que não queria votar em todos os candidatos que estavam no “santinho” que havia levado como “cola” para a cabina de votação. Pediu que eu entrasse na cabina, disse a ela que não podia, mas que a ajudaria da melhor forma pois eu não poderia influenciar seu voto e lhe indiquei onde havia a lista com o nome dos candidatos da então eleição que abrangia os cargos de Deputado Estadual, Federal, Senador, Governador e Presidente da República. Ela disse: “Minha filha, eu só queria votar no Deputado Estadual que está no papel, mas o federal eu quero anular. Para Senador, Governador e Presidente eu não quero esses.” Disse a ela que suspenderia seu voto e que ela poderia copiar os números dos candidatos de sua preferência no corredor da seção, ela disse que sabia os números pois tinha outra cola mas que, momento antes, alguém lhe disse que seu voto não seria válido caso ela não fizesse um voto conjunto. Lhe expliquei que aquilo era uma inverdade e que seu voto seria computado mesmo que ela misturasse os candidatos. Nunca vi alguém tão interessado, em tão poucos instantes, como era o processo de votação. Vi nos olhos daquela senhora, após sua votação, o brilho e a felicidade de ter votado em todos os candidatos que escolheu, inclusive, anulando seu voto, que foi sua escolha.

Esse fato me mostrou que não é simplesmente liberar a urna para o eleitor votar, é mais que isso. É um trabalho que contribui para o crescimento pessoal e interpessoal. Lidar com pessoas de várias regiões, ascendências, credos, idades, gostos... Fiquei pensando quantos cidadão também não estariam passando pelo mesmo dilema e votando erroneamente por causa de pessoas inescrupulosas e de má-fé que, no intuito de verem seus candidatos “ganhar” tentam poluir e macular o processo democrático da eleição.

Mas não vou desistir. Percebi que o processo eleitoral não começa às 07:00 da manhã do dia da eleição, ele é diuturno. Debater, conversar e levar à cidadãos tão bem intencionados que a escolha é deles, que são eles o verdadeiro centro nervoso de todo essa movimentação. Que é por eles e para eles que os eleitos nos cargos públicos devem trabalhar e ganhar o direito e o privilégio de serem seus representantes por mais de uma vez. Descobri que ser mesário ou presidente de mesa receptora é minha contribuição para a lisura e imparcialidade no Processo Eleitoral Brasileiro.

***O ato de votar como expressão máxima de
cidadania, respeito e integração***

por Fernanda Christina Moura dos Santos

mesária da 197ª Zona Eleitoral – São Gonçalo

Prestes à mudar de domicílio me vi tomada pelo desejo nostálgico de não romper meus elos, não cortar minhas raízes, calar minha história, e esquecer meus colegas da época de colégio. Essa foi a minha motivação inicial para me candidatar como voluntária nas eleições em 2014. Fui selecionada para ser voluntária em um local de pessoas simples perto da minha casa. Pessoas que trabalham duro, cheias de calos nas mãos que realmente sentem o impacto direto das decisões políticas em suas vidas e exatamente por isso encaram com seriedade o compromisso de comparecer as eleições. Perfumados, vestindo seus melhores trajes, com postura solene, cheios de orgulho e sentimento patriótico, como se estivessem frente à Bandeira Nacional. Mas dentre todos os casos que presenciei um em especial merece ser relatado, pois me fez compreender a grandiosidade do ato de votar e ser voluntária.

Ainda no primeiro turno, após meu retorno do almoço, entrou na sessão em que trabalhei uma senhora acompanhada por uma jovem. Essa senhora veio por detrás da minha cadeira e falou bem baixinho ao meu ouvido:

-A minha neta é “especial” e me pediu para levá-la para tirar o título de eleitor, pois queria votar. A Senhora se importa se ela votar aqui moça?

Observei com surpresa aquela senhora e lhe perguntei:

-Ela é cadastrada nessa Sessão senhora?

Ela balançou a cabeça de forma afirmativa e complementou dizendo:

-É sim senhora. Meu marido disse para que eu não a trouxesse porque as pessoas não teriam paciência e poderiam tratá-la de forma grosseira, mas minha neta quer votar, então eu a trouxe!

Virei minha cabeça em direção ao canto da sala e vi uma jovem franzina de aproximadamente uns 17 anos, muito envergonhada e de cabeça baixa no canto da sala.

A avó da moça não entrou em detalhes, mas me pareceu ser algum tipo de déficit cognitivo. Então após encontrar seu nome no caderno de votação ela me pediu para segurar a mão da moça. Tudo para que sua assinatura não ultrapassasse a linha correspondente ao primeiro turno conforme recomenda o TRE.

Delicadamente e com todo capricho a moça assinou seu nome e mesmo diante da demora as pessoas que aguardavam na fila não reclamaram em esperar. Todos assim como eu pareciam compreender a grandiosidade daquele momento. Após a liberação da urna a moça puxou do bolso sua “cola” com o número dos candidatos se dirigiu sozinha à cabina de votação. E logo que ouvimos o sinal sonoro de fim de votação ela sai detrás da cobertura da urna com um imenso sorriso. Nem parecia a mesma moça constrangida que havia entrado na sessão! Seu rosto se iluminou e seu sorriso tornou-se ainda maior quando ao entregar-lhe seus documentos eu disse:

- Em meu primeiro ano como mesária posso dizer que me sinto muito honrada em ter habilitado a urna eleitoral para receber o seu primeiro voto moça!

Tanto as pessoas da fila quanto meus colegas de sessão permaneciam visivelmente emocionados quando ela suavemente ela se dirigiu à mim, segurou a minha mão e me olhando nos olhos disse:

- Obrigada senhora!

Esta senhora e sua neta proporcionaram à todos nós uma valorosa lição. De que o exercício de cidadania não é meramente um termo estático utilizado para justificar o ato de votar. Cidadania ganha sentido amplo quando observamos gestos de amor, dignidade e respeito como este ao qual tive a oportunidade de presenciar. E minha egoísta motivação inicial em ser voluntária agora dá lugar a honrosa tarefa de servir ao próximo.

Privilégio democrático
por Carlos Araujo

mesário da 13ª Zona Eleitoral – Freguesia (Capital)

Era de manhã ainda, o céu começava a clarear e eu havia acabado de acordar. Todavia, não era um dia comum, levantava às seis horas em um domingo para ir ao colégio eleitoral para servir como mesário. Infelizmente, não era o que eu queria estar fazendo naquele momento, porém tinha que ir por força de lei cumprir a minha obrigação, já que havia me apresentado para a convocação a partir do recebimento da carta. De fato, eu não era um mesário voluntário e tinha outras obrigações a resolver naquele dia, haja vista que eu deveria estar estudando para realizar as provas da faculdade durante a semana subsequente.

Desloquei-me da minha casa que fica a alguns metros do colégio e fui cumprir o meu dever cívico de cidadão brasileiro. Cheguei cedo à sala e lá estava o presidente da minha seção eleitoral, um homem tranquilo, calmo, moreno e que beirava os seus cinquenta anos de idade. Começamos a conversar, já que a seção estava pronta para receber os eleitores. O presidente percebeu que eu estava com um ar de insatisfeito por estar ali, provavelmente era algo facilmente perceptível e então me perguntou o motivo, se eu estava aborrecido ou algo do gênero. Sem dúvida, respondi meio sem graça que não queria ter sido convocado para ser mesário, achava um absurdo ser obrigado a servir quando não tinha tempo nem vontade para tal fato, porém disse a ele que isso não iria interferir na forma de receber os eleitores na seção, afinal eles não têm culpa.

A partir do que eu falei, o presidente da seção começou a me explicar a importância dessa função que para muitos acaba se tornando chata e enfadonha porque não conseguem enxergar por trás desse exercício de cidadania, a extrema importância que possui cada integrante da sua seção, seja o mesário, o presidente ou o secretário. Cada um desses faz parte de um organismo, sendo uma espécie de engrenagem, a qual faz com que as eleições possam se realizar de forma correta e segura. Confesso que não dei muita confiança às coisas ditas e preferi levar o dia como qualquer outro, sem muito entusiasmo, mas também disfarçando o meu desprazer, até que tive a dádiva de encontrar um dos maiores eleitores desse país.

A seção estava vazia e nela adentrou um senhor com provavelmente uma grave deficiência no sistema nervoso, acompanhado de um amigo e de sua filha. De fato, foi uma das cenas mais incríveis que tive o privilégio de presenciar na minha vida porque ninguém podia ajudá-lo a digitar na urna os números dos seus candidatos (O senhor não queria a ajuda de ninguém, segundo ele, esse dever cabia a apenas si mesmo). Isso gerou em mim uma espécie de angústia, entretanto um sentimento de torcida também, porque a cada vez que ele fazia o esforço para votar em seus candidatos, a urna apitava confirmando. Enfim, a urna apitou de forma longa, o que acusava o fim da sua participação naquele processo e o liberava daquele martírio democrático que para ele era de suma importância.

De fato, após aquele momento único eu passei a entender as palavras do presidente, foi como se um turbilhão de palavras, valores e princípios estivessem convergindo na minha mente e me mostrando o julgamento errado que havia feito daquela função, a qual honrosamente eu fazia parte desde então. A partir daquele instante eu disse a mim mesmo que:

- A partir de hoje serei sempre um mesário, sabe por quê? Porque pessoas especiais como esse senhor precisam de mim.

Quero Assinar!

por Cleber Franca Almico

mesário da 167ª Zona Eleitoral – Pavuna (Capital)

Olá, mais uma vez tive o privilégio de trabalhar nas eleições como mesário.

É interessante notar como em algumas horas você tem a oportunidade de se encontrar com uma gama enorme de pessoas. Tristes, alegres, chateadas, eufóricas. Algumas te fazem rir, outras te aborrecem, algumas compartilham coisas que você não espera e outras te surpreendem tanto que fazem a recompensa por esse dia ser inestimável.

Nesta eleição tive o enorme privilégio de conhecer uma eleitora chamada Ana Paula. Ao entrar no local de votação acompanhada de sua responsável vinha exercer pela primeira vez o seu direito de votar, de fazer parte do processo de escolha dos governantes de nosso país.

Quando se dirigiu para realizar a identificação ofereci a possibilidade de realizar a identificação através da digital – por ter uma deficiência visual - e ela com um sorriso de quem estava prestes a realizar um grande feito, respondeu que assinaria o caderno. Questionada por sua responsável se não preferia apenas colocar a digital, não titubeou e disse que queria assinar!

Assim, naquele cinco de outubro, Ana Paula auxiliada apenas por uma régua e sua admirável força de vontade colocou seu nome naquele caderno e com um largo sorriso no rosto se dirigiu a urna e ali fez parte desse processo democrático, que sem acepção de pessoas, sem excluir ninguém, elege nossos governantes.

O mais legal foi no segundo turno, quando retornou e foi reconhecida pela equipe de mesários, ela deu quase o mesmo sorriso. Mas agora não era de quem iria surpreender, mas sim de quem não teve medo de enfrentar seus limites, superar seus medos e vencer!

E assim terminou mais uma experiência nas eleições. Cheia de lições, aprendizados, sorrisos e uma maravilhosa aula da vida.

Dizem que o voluntário não tem muita recompensa, mas eu duvido muito que alguém possa calcular quanto valeu para Ana Paula usar aquela caneta e participar das eleições!

***Spielberg, se eu fosse você, refilmava o E.T.
por Fernanda Cupolillo Miana de Faria***

mesária da 140ª Zona Eleitoral – Niterói

A distância não era exatamente pequena. Cerca de vinte metros separavam a mesa sobre a qual estava apoiada a máquina de identificação biométrica e a porta por onde entravam os eleitores. Desconsiderando as passadas que os levariam até a mesa, nem tão poucas assim, a despeito de serem curtas ou alongadas, grande parte das pessoas atravessavam a porta com o dedo em riste. Sobretudo o indicador. Numa estratégia, quem sabe, de economia de tempo e também, é provável, em resposta à ansiedade daquele primeiro encontro.

Certo é que, das oito da manhã às cinco da tarde, a cena se repetiu com, pelo menos, cem pessoas: o antebraço suspenso até a altura do peito, a mão aberta e o indicador para cima. A cada vez que erguia os olhos para cumprimentar quem se aproximava da mesa, um novo déjà vu: o braço suspenso, a mão aberta, o indicador para cima. Engolia a gargalhada e deixava sair pelos lábios um riso adequado à circunstância.

Entre um indicador e outro, impossível não lembrar da cena clássica do E.T., o extraterrestre, fazendo contato com o dedo aceso. O filme marcou a década de noventa e a minha adolescência, assim como, imagino, a de muitos eleitores de quem recolhi as digitais aquele dia. Como era possível que todas aquelas pessoas de 30, 40, 50 anos de idade não se lembrassem disso ao caminharem até a mesa com o dedo para cima? Não raro, virava o pescoço para os lados à espera de algum olhar de cumplicidade: será que ninguém mais estava vendo E.T.s ambulantes? Para minha total estranheza, só eu reparava nos candidatos a extraterrestres para o remake do filme!

Mais interessados em cumprir a tarefa cívica e vendo na máquina algum obstáculo para isso – afinal, as máquinas, com suas manias de cortarem tempo e inventarem novas rotinas, eram vistas com certa cautela e quicá desconfiança –, os eleitores pareciam absolutamente compenetrados no cumprimento do dever. Alguns, apesar da cara cinza e dos modos britânicos da máquina, sentiam-se íntimos dela à primeira vista: encostavam o dedo indicador (mas que fixação!) no leitor antes que eu dissesse qualquer coisa e esperavam o momento em que se reconhecia a digital. Outros diziam, assim que se sentavam à cadeira em frente à mesa, que a máquina não iria gostar deles e se surpreendiam quando a leitura era efetuada: “você já pode votar”, eu dizia, e os olhos se agigantavam, em surpresa. Alguns comemoravam com duas ou três palminhas; outros exclamavam expressões de contentamento. Os mais desinibidos levantavam as mãos para cima.

Mais entusiasmados ficavam alguns idosos quando, lá pela sétima ou oitava tentativa, a máquina reconhecia suas digitais e escapavam do livro de assinaturas. Era uma pequena festa. Os idosos não tinham a mesma cisma com o dedo indicador. Mas atrás deles, alguns pares de mãos estavam sempre a se remexer, ansiosas, à espera da tarefa que se aproximava; antes que deixassem o espaço onde ficava a urna, depois de votarem, já era possível ver alguns dedos se agitando no ar. E a cena clássica do antebraço suspenso até a altura do peito, a mão aberta e o indicador para cima, quase como no filme. Aliás, exatamente como no filme. Não sei, até agora, como ninguém mais viu o mesmo que eu. Só faltava o dedo acender. Mas essa parte dos efeitos especiais eu deixo pra imaginação do Spielberg. Aquele era só um dia de testes.

Outubro

por Arlene Vieira Trindade

mesária da 154ª Zona Eleitoral – Belford Roxo

Outubro. Esse era o mês em que se encontravam. Sempre no primeiro domingo a cada dois anos. Durante os outros dias e anos, não se falavam, não telefonavam, não trocavam mensagens eletrônicas, nem um encontro casual em alguma esquina ocorreu alguma vez. Aquele ritual bienal carregava a importância do dever político, das obrigações eleitorais. Mas guardava, também, a magia dos encontros, onde surgem os mais diferentes tipos de amizades. Além dos assuntos típicos e legítimos daquele momento: “quem vai ganhar a eleição”, “quem fez mais”, “quem roubou menos”, a vida que caminhava no período em que não se viam, também, ganhava espaço nas conversas: os filhos, o trabalho, os amores. E assim passavam aqueles domingos de tantos anos, entre um voto e outro, entre o da vez e o próximo, a fila vinha trazendo os rostos e suas histórias. A maioria das pessoas já era conhecida. Alguns poucos novos, iniciando o processo de ser cidadão eleitor. Naqueles já conhecidos era perceptível o efeito do tempo: solteiros agora eram casados, mocinhas agora mães, morenas viraram loiras, rapazes tornaram-se homens.

A mesária mais antiga daquela seção, uma jovem senhora loira e manca, era a mais animada de todas, quase sempre tinha uma observação humorada para o novo eleitor que entrava. Na hora do almoço trazia um café fresco e alguma guloseima. A cada eleição ela dizia: “_Na próxima vocês não vão me ver mais aqui...já trabalhei muito para o TRE, vou pedir para não me convocarem mais”. Mas chegava a próxima eleição e lá estava ela. Na verdade, sabíamos que aquele ritual bienal trazia para ela, o sentido de ser útil. Ela, dona de casa, não tinha muito espaço para ser notada. Embora cumprisse com virtude seu papel na humanidade de criar bem os filhos, sabemos que hoje em dia isso não tem muito prestígio. Mas, naquele lugar de mesária, o seu valor ultrapassava o apreço dos íntimos. Ela orgulhava-se em dizer que as filhas estudavam naquela escola, que conhecia a diretora, a professora e muitos que entravam para votar.

Só que naquele 05 de outubro de 2014 foi diferente. A mesária mais antiga não apareceu. As outras mesárias, também, conhecidas de longa data, ficaram surpresas. Quem diria, ela tomou coragem! Cessou com o ritual bienal. Todos sentiram sua falta. Até mesmo porque era ela quem alegrava aquele espaço, que poderia ser vazio de qualquer relação afetiva, que poderia ser só eleitores e votos. Apesar de sua ausência, o dia transcorreu como deveria ser. Naquele ano, o processo estava mais rápido, sem confusão e não havia mais analfabetos na seção. As pessoas estão aprendendo a votar. Quer dizer, estão aprendendo a usar a urna eletrônica, é isso. Aprender a votar envolve outros fatores.

Por volta das quatro da tarde, um pouco mais, talvez, próximo do encerramento da eleição, chegou uma eleitora antiga. Entre sorrisos e cumprimentos ela disse: “_Nossa amiga está fazendo falta esse ano...”. As mesárias entusiasmadas por identificarem ali alguém que pudesse trazer notícias daquela que era ausente, buscaram notícias. E ela percebendo a ignorância dos fatos, contou-lhes, depois daquela frase, preâmbulo da tragédia: “_Vocês não souberam... ela faleceu no final do ano passado: uma pneumonia”. Relatou detalhes, falou das filhas agora sem mãe e outras frases mais. Como não intuímos isso? Era evidente que ela não deixaria de comparecer àquele encontro se não houvesse um motivo muito forte que a impedisse. A vida... Ela não deixa de acontecer e os encontros são só uma parte dela. A eleição marca não só o rumo político do país, marca os seres em seu cotidiano, em suas idas e vindas. As mesárias se entregaram a comentários típicos do momento. E depois silenciaram diante do fato, da ausência e da memória. Silêncio logo interrompido pela eleição que atravessa o dia, pela fila que cresce com eleitores a espera e pela palavra de ordem: Próximo!

Os olhares de uma eleição.
por Marcio Simão de Vasconcellos

mesário da 227ª Zona Eleitoral – Petrópolis

Atribui-se ao jornalista francês Jean-Baptiste Alphonse Karr (1808-1890) a frase “Os olhos são a janela da alma e o espelho do mundo.” De fato, muita coisa pode ser dita observando a maneira de olhar das pessoas. Os olhos iluminam o mundo interior, às vezes permitindo que feixes de luz penetrem no fundo da alma. Por essa capacidade de trazer à tona o que se mantém escondido, os olhos são a luz do corpo, como bem expressa o evangelho de Mateus, no capítulo 6, versículo 22. Mas os olhos também refletem o mundo exterior, do cotidiano, das escolhas, das crises, das tristezas e das alegrias da vida.

Nesta eleição, pude ver múltiplos e diferentes olhares em cada pessoa que veio exercer seu direito de cidadania por meio do voto. Alguns foram claros, até mesmo óbvios; outros, nem tanto. Todos, porém, expressaram uma pluralidade de visões sobre o mundo, sobre a vida e sobre si mesmo. Vi olhares de indiferença, de gente que cumpria seu dever apressadamente, sem pausa para reflexão e que, às vezes, se atrapalhava na pressa de apertar os botões na urna. Também vi olhares que transmitiam certa insegurança, de gente que não sabe bem o que o futuro lhes reserva e teme o que virá pela frente. Mas, acima de tudo, vi o olhar da esperança. O olhar de quem teima em não se render ao pessimismo, à sensação de derrota, à perda de sentido. Este olhar esperançoso estava nas expressões da imensa maioria das pessoas que passaram pela minha seção. Olhar que reafirmava a percepção de que, por mais que as coisas parecessem ruins, sempre há a possibilidade de construir uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais humana.

Um destes olhares repletos de esperança foi o do Sr. José, um velhinho de quase 80 anos, já meio debilitado pela saúde fraca. Com suas passadas lentas, sua bengala e seu boné meio maroto, o Sr. José veio até nós, mesários, com um sorriso que ia de orelha a orelha. Vinha com satisfação cumprir seu dever e seu direito como cidadão brasileiro. Vinha votar!

E sempre vem com histórias! Cômicas, nostálgicas, às vezes até irônicas, as histórias do Sr. José alegravam o dia de todos, mesários e eleitores. No final de cada narrativa, com uma mistura de alegria e orgulho, o Sr. José falava com saudade dos tempos que, do mesmo jeito que nós estávamos fazendo no domingo, participava como mesário numa seção eleitoral em outra cidade. Depois de contar um pouco de sua vida, o Sr. José se dirigiu mais uma vez à cabine para votar. Demorou um pouco com tantos candidatos – “É muito número!”, disse num meio sorriso – mas após alguns minutos, o barulho da urna revelou que, ainda outra vez, o Sr. José participava do processo democrático na escolha da liderança de seu país para os próximos anos.

Nesse domingo, não pude resistir. Perguntei, discretamente, o que ele pensava do futuro do Brasil. Pensei que, como já era bem idoso, não teria ilusões de participar desse futuro como protagonista. Ledo engano! O Sr. José olhou para mim e, com aquela vasta sabedoria e esperança no olhar, confidenciou: “Se o Brasil não melhorar, daqui a quatro anos vou estar aqui de novo!”.

O olhar do Sr. José me trouxe alegria. Fiquei pensando em como o Sr. José espelhava uma visão de mundo bastante salutar e necessária em nossos dias: a de que é possível, sim, melhorar o mundo. A certeza de que a fome, a miséria, a violência e tantas coisas que desumanizam a vida não são imutáveis. E por reafirmar isso com sua vida, eu, humildemente, agradeço ao Sr. José!

***Eleição de uma nova perspectiva através do voto
por Juliana Behrends de Souza***

mesária da 245ª Zona Eleitoral – Campo Grande (Capital)

O barulho das chaves do portão soou como um despertador. Em poucos minutos a professora faria parte de sua primeira experiência em um processo eleitoral. Ao abrir o portão de casa, deparou-se com um mar de papéis no chão. Nem eram seis e meia e a rua parecia a Times Square após a contagem do ano novo. Não era. O que parecia surreal era real. Era Brasil, era eleição.

No caminho até sua seção, a imagem se repetia. Aquela desordem despertou certa apreensão do que estaria por vir. Porém, ao adentrar o prédio a visão do segurança no portão a lembrou que lá dentro o Brasil de comportava de forma diferente. Após cumprimentos cordiais aos colegas, a ligação da urna, zerésima, mesários, se-cretário e às oito horas o portão se abriu aos eleitores.

O voto do primeiro eleitor iniciou o dia que seria de muitas surpresas agradáveis, desagradáveis, esquisitas e até improváveis. Documento de identificação foi o maior problema. Muitos voltavam em casa sem problema e retornavam, sem problema. Outros, alguns alcoolizados, ameaçavam rasgar o título de eleitor alegando que aquilo não servia para nada. Horas depois, ainda alcoolizados, porém mais calmos, exerciam seu papel de cidadão, mesmo de forma quase inconsciente. Todos pareciam ter pressa, como se o mundo fosse acabar às dezessete horas. Os mesários e secretários com calma e presteza atendiam a todo tipo de brasileiro que passava por ali. Alguns estereótipos, desconhecidos desde então, surgiam ao longo do dia.

Conhecidos que normalmente não cumprimentavam os membros da mesa em dias normais, se preocupavam com o almoço e até ofereciam suas casas para garantir a refeição. Amigos separados pelo tempo e pela vida, por alguns minutos puderam relatar pequenos e mais relevantes fatos de suas vidas, já que a fila se agigantava lá fora.

Quatro desconhecidos, ora sentados ou de pé, estreitaram laços e compartilharam experiências durante a longa jornada de domingo.

Eleitores nervosos, ofendiam mesários sem motivo como se eles fossem responsáveis pela obrigação do voto.

Já no fim da manhã, uma mulher não foi localizada no caderno com o nome dos eleitores. Após ofender a mesária e chamá-la de analfabeta, o presidente da seção digitou no terminal no mesário o número do título a fim de confirmar se tal eleitora pertencia realmente àquela seção. Ela pertencia. Mais ofensas deferidas, agora de ambas as partes, e outro membro da mesa, como se fosse um herói naquele mo-mento localizou o nome a eleitora. A mesma assinou e rapidamente liberada a votar. Naquele momento quase foi precisou a força policial, talvez para a mesária, talvez para eleitora, nunca ficará claro.

A tarde chegou, a voz rareou. Corpo cansado, mente cansada. Responsabilidade alerta. Mais amigos, mais inimigos chegavam a toda hora. Dezessete horas se aproxima. A pressa começa a ficar de lado. Eleitores votam e se vão tranquilos, cal-mos, afinal é domingo. O portão é fechado. É a hora. Envelopes, impressões atrás de impressões. Organiza-se tudo. Começam a chegar pessoas que de repente eram fiscais e queriam mexer em tudo. Saber resultados. Calma. A força policial é chamada. Tudo se resolve. Olha-se tudo em volta, guarda-se a urna, vão-se os envelopes. A seção fica vazia. Três membros se vão e somente um fica para ler os resultados das outras seções. O seu voto fazia mais sentido agora, sua consciência mudou. Verifica se seus candidatos foram bem escolhidos e acordavam com os resultados expostos. Parecia que sim. Dever cumprido como mesária e eleitora. Agora com consciência da importância do voto e que, através dele, monta-se a identidade de uma nação.

***Nova eleição, novos momentos
por Simone Cristina Carneiro Cunha***

mesária da 221ª Zona Eleitoral – Nilópolis (Capital)

É um momento festivo o dia das eleições. A cada dois anos, aguardo ansiosa para ser convocada. Há alguns anos, venho trabalhando como primeira mesária no bairro onde moro. Este é o momento para rever aqueles a quem já considero amigos, mas que o tempo, cruel e implacável, não permite que nos vejamos. Juntos, formamos uma equipe entrosada, competente e divertida. Nenhuma eleição é igual à outra. A rotina nem ousa se aproximar de nós. A cada período eleitoral, nos deparamos com as mais inusitadas situações.

No primeiro turno desta eleição, um eleitor, já velho conhecido nosso, chegou à seção eleitoral, apontando o dedo indicador para a cabeça, dizendo: “Tá tudo aqui na mente!”

Depois de todos os procedimentos, o presidente autorizou a sua ida à cabina de votação. Diante dela, paralisado por alguns segundos, contemplando-a, exclamou, atordoado:

- “Uê, como eu escrevo?”

Tentando me refazer da pergunta inesperada, respondi:

- “O senhor tem que digitar os números dos seus candidatos.”

- “Não é o nome?” – Perguntou ele, espantado.

- “Não, senhor. É o número.” – Mais espantada do que ele, por se tratar de um eleitor que já estivera diante da urna eletrônica por diversas vezes.

Aguardamos o momento para cancelar sua votação e o conduzimos à lista de candidatos que encontrava-se colada na parede em frente a nós. Enquanto ele anotava os números, fomos atendendo outros eleitores, até que o senhor pudesse retornar à urna.

Chegado o segundo turno, estávamos novamente reunidos, felizes por nos encontrarmos. Passadas algumas horas, eis que surge o nosso ilustre eleitor.

- “Bom dia Sr. José, tudo bem?”

- “Tudo ótimo. E vocês?”

- “Estamos bem. Felizes por vê-lo.” – Disse eu, sorrindo.

- “Dessa vez eu não vou me atrapalhar.” – Disse o senhor, de forma simpática.

Após a assinatura, a digitação e a confirmação do seu nome, ele se dirigiu à cabina, confiante.

Ouvimos o primeiro sinal. Alguns segundos de silêncio. Olhamos um para o outro, aguardando alguma manifestação. Depois de instantes, o Seu José soltou um “ih!”.

- “Olhe para a parede ao seu lado, os números dos candidatos estão aí.” – Disse eu, dessa vez, não mais surpresa.

Terminada a votação, Seu José deixou a seção prometendo que da próxima vez ele acerta.